

O trabalho com crianças: construir uma moradia ou mobiliar uma casa? – parte II¹

CÁTIA OLIVIER MELLO²

Quero agradecer o amável convite da Comissão Científica para participar desta mesa na companhia honrosa da Lisiane, a quem admiro profundamente como professora, supervisora e psicanalista excepcional. Uma pessoa para se inspirar. Foi uma satisfação pensar esta mesa juntas.

A casa, concretamente falando, é e sempre foi muito importante para a humanidade, desde os tempos das cavernas até as moderníssimas habitações contemporâneas, cada vez mais automatizadas e funcionais. Grandes ou pequenas, simples ou sofisticadas, para muitas ou poucas pessoas. Simbolicamente, a casa abriga um significado particular para o ser humano. Desde o ventre materno (nossa primeira morada), passando pela casa da infância (seja ela como for), o quarto do adolescente (quando existe assim, individual ou compartilhado), a casa da idade adulta (gerenciada já por nós), a casa transformada pela saída dos filhos ou repovoada pelos netos, a assim chamada última moradia por ocasião da nossa morte. A casa... sempre a casa...

Vida Malberino de Prego (1977) fala da casa representando o Espaço, presente no continente de cada cômodo, e, por analogia, o corpo da mãe ou o próprio corpo. A casa representa também o Tempo inconsciente, quando aparece nos sonhos para indicar que não estamos naquele momento vivendo no tempo presente, mas no tempo em que habitávamos determinada casa. Da mesma forma, a passagem do tempo se evidencia concretamente nas trocas de mobília ou nas mudanças de endereço que fazemos ao longo de nossas vidas.

Para o inconsciente a casa pode significar tudo isso e mais, especialmente mais, pois ele é forjado individualmente, diria Piera Aulagnier (1979)

¹ Trabalho apresentado na mesa inaugural da XL Jornada Anual do CEAPIA: Artesanias da Técnica, em agosto de 2019;

² Psicóloga e Mestre em Psicologia do Desenvolvimento UFRGS, psicoterapeuta de crianças e adolescentes CEAPIA, psicanalista de crianças, adolescentes e adultos SPPA, professora e supervisora CEAPIA

e, atualmente, as neurociências. Clássicos ou atuais, os autores entendem que a casa representa o self, o Eu, e, como tal, vai mudando ao longo da vida. A literatura ficcional conta que há casas exigentes, como em “A casa tomada”, do conto de Cortázar, em que para fugir da relação incestuosa, seus habitantes precisaram abandonar a casa da infância colocando a chave fora, a fim de que não fizesse mal a mais ninguém. Há casas cantadas em verso, algumas até muito engraçadas, como uma em particular que não tinha teto, não tinha nada, e ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão... Há casas feitas de doce e açúcar, como a da bruxa da história de João e Maria; ou outras feitas de gelo, como a da Elsa, do filme Frozen. Há casas flutuantes, como as do lago Titicaca, cujo chão é cortado ao meio quando há brigas entre as famílias, para que se afastem pelo lago. Há casas de oração, as quais abrigam a dor e a esperança dos fiéis, ou palácios para governar uma nação e tantas, tantas, tantas outras...

Mas e como se constrói a casa do nosso Eu? Com que tipo de mobília ela é povoada? E, mais ainda, em se tratando de técnica de trabalho psicoterápico na infância, estamos falando de construir uma moradia ou de mobiliar uma casa já existente? E esta casa é nossa ou ainda é a casa herdada pelas identificações com nossos cuidadores iniciais? A mim coube conversar com vocês sobre o que e como se pensa este assunto na contemporaneidade. Muito tem sido feito para a compreensão e o avanço de questões como gênero, abuso sexual, espectro autista, direitos das crianças e de família, por exemplo, só para citar grandes áreas. Naturalmente, precisei escolher um viés, pois o tempo é curto para tanta evolução! Para o nosso propósito, optei por uma questão que diz respeito à metapsicologia e à teoria da técnica em geral.

Penso que a melhor técnica psicanalítica com crianças é aquela que é possível de ser aplicada e suportada pela dupla. A exemplo do que Winnicott preconizava, é aquela que propiciar o melhor nível de expansão da mente possível para aquela criança, naquele momento de seu desenvolvimento. Nem mais, nem menos. Assim, se for preciso e possível que uma moradia seja construída, é o que devemos tentar fazer. Se, ao contrário, se tratar de mobiliar, reorganizar ou renovar a mobília, então será essa a nossa tarefa. Construir ou aparelhar o Eu? Felizmente, já temos técnica para trabalhar com crianças cujo Eu está mais ou menos integrado.

As neurociências, muito populares hoje em dia, têm trabalhado com a ideia de que existem estados e processos não-conscientes, ainda que de forma diversa do inconsciente descrito por Freud. O legado e a genialidade da psicanálise de Freud são reconhecidos pelo pioneirismo de investigação acerca do modo de funcionamento, de acesso e de tratamento das doenças e dos padecimentos psíquicos. Falamos hoje, em ambas as ciências, em processos não-conscientes. Aprendemos e registramos tudo sobre o mundo e como ele funciona de modo a que estas informações não precisam estar conscientes o tempo todo. Nosso cérebro trabalha melhor de forma com-

plexa, não-linear e não-consciente. Os conteúdos vão se tornando inconscientes e automáticos, não acessíveis à memória de trabalho, e fazem parte do modo de funcionar de cada um de nós. Popularmente esta é uma verdade já há muito conhecida, quando se diz, metaforicamente, que se deve dormir sobre um problema (seja pelo tempo para pensar e avaliar o que fazer conscientemente, seja pela possibilidade de literalmente sonhar com o assunto). O inconsciente, assim concebido de forma individual, de acordo com as experiências de cada pessoa, não está exclusivamente por debaixo da repressão. Aliás, talvez não esteja nem debaixo nem atrás de nada, sendo sim parte de um contínuo consciente/inconsciente. As lembranças têm emoções a elas associadas, acessíveis à memória e ao pré-consciente e podem mudar ao longo da vida e do tratamento. Elas estão disponíveis para o sujeito em determinados momentos por intermédio de uma ferramenta competente o bastante: o afeto. Penso que as neurociências e a psicanálise vêm evoluindo na mesma direção, guardadas as diferenças fundamentais entre elas. Conhecemos a ideia psicanalítica de que o inconsciente vai sendo feito à medida em que é necessário que ele se faça, quando Bion (1967) diz que antes vêm os pensamentos e, na sequência, a máquina de pensá-los, ou quando Piera Aulagnier (1979) diz que o Eu se autoengendra, ou quando Winnicott diz que não existe um bebê sem mãe-ambiente.

Destaco, entretanto, o pensamento onírico de vigília de Bion (1967), Ogden (1996) e Ferro (2003) por ser o que melhor se aplica aqui quando se diz que pensamos enquanto sonhamos, mas também que sonhamos acordados. Para Imbasciatti (2014) e Civitarese (2019), psicanalistas italianos que têm se ocupado deste assunto, o objeto de estudo da psicanálise vem mudando, pois se antes nos ocupávamos de tornar consciente o inconsciente, agora nossa tarefa tem sido expandir a mente e a capacidade de pensar. A ferramenta para que isso ocorra é o afeto, mas o afeto veiculado pela ligação terapêutica. A tarefa técnica do campo analítico com crianças, assim pensado, passa a ser estabelecer um vínculo tal com o paciente que possibilite auxiliá-lo, emprestando a nossa capacidade de ligação e *revèrie* para acessar, sonhar, brincar e, se for o caso, colocar em palavras o que lhe está inconsciente, sem condições de ser expresso.

Assim, o trabalho se desenvolverá tanto no paradigma da presença, conforme pensa Winnicott (1951) quanto no da falta, como salienta Lacan, incluindo os excelentes avanços técnicos sobre a construção e a utilização de símbolos de que nos fala Bion (1967) ou Levy (2012), sobre a capacidade de representação e de figurabilidade descritas pelo casal Botella (2003), ou ainda sobre o estabelecimento de vínculos, tal como descrevem Berenstein e Puget (1997). Penso que a interface das neurociências com a psicanálise nos oferece uma nova perspectiva e um olhar mais dinâmico para algo que sempre nos preocupou: como a presença do terapeuta interfere no andamento dos tratamentos, e porque cada dupla funciona de modo diferente,

necessariamente, dependendo do tipo de afeto que foi possível de ser viabilizado pelo terapeuta e pelo seu paciente em determinado momento da vida de ambos. O cimento que liga as representações ou imagens armazenadas (mobiliando a casa) ou a construção delas (e da casa-self) é o afeto, e este pode sim ser mobilizado e integrado pela relação terapêutica.

Rita chegou para tratamento aos 5 anos e, ao entrar na sala caminhando lentamente, estabeleceu um ritmo que nos acompanharia sem alteração até o finalzinho de seu tratamento. Parou no meio da sala sem dizer palavra, me olhando nos olhos. Parecia que o tempo tinha parado. Não me parecia assustada, entretanto, apenas triste. Eu me percebi falando baixo com ela, mais baixo do que o meu habitual, e também de forma mais suave. O nosso ritmo como dupla se anunciava muito, muito lento. Ela me ouviu sem se mover e sem me interromper enquanto eu lhe apresentava a sala, os brinquedos, os jogos e a sucata. Foi quando disse as primeiras palavras: Brinca comigo?

Florence Guignard (1997) nos auxilia, desde o vértice do analista, a compreender o porquê de algumas situações serem mais difíceis do que outras. Ela chama de "o infantil no analista" o que em nós é irredutível e nos faz ser nós mesmos e mais ninguém. Longe de ser estático, entretanto, este núcleo é mais bem descrito como uma liga pulsional, no limite do biológico, cuja estrutura flexível nos coloca em contato com o psiquismo do Outro. Nos limites do consciente e do pré-consciente, é o ponto mais aguçado de nossos afetos, lugar da esperança, mas também da crueldade, da originalidade e do repouso. Funciona ativamente durante toda a nossa existência, sendo constantemente ressignificado pelas circunstâncias da vida e pela corrente entrelaçada que criamos entre significados e significantes.

Hoje sabemos que paciente e analista se encontram, cada um com o seu infantil, independente de idade, para o trabalho analítico ou psicoterápico. É com o infantil de cada um que ambos vão contar. Para o melhor ou para o pior, dia após dia, sessão após sessão. Com ou sem palavras. No caso da minha dupla com Rita, Vitor Guerra (2013) diria que uma questão de ritmo se anunciava. O ritmo impresso em cada um de nós é, naturalmente, algo a que não estamos conscientes o tempo todo. Pode ser um dos pontos cegos oriundos da ativação pelo paciente do modo de perceber e de agir do infantil no terapeuta. Análise pessoal, supervisão e auto-observação auxiliarão o analista, e consequentemente o seu trabalho, a seguir sendo o companheiro na tarefa da expansão da mente de seu paciente.

Aulagnier (1979) salienta que também a realidade externa, tal como ela é (e não como a compreendemos ou captamos), é fundamental. Não levar a realidade externa em consideração é desconsiderar as circunstâncias que colaboraram para o sofrimento psíquico e para a dor da alma de uma pessoa quando ela vem nos procurar. É correr o risco de retraumatizar o paciente, interpretando seu sofrimento como algo apenas de seu mundo interno. Para as neurociências em interface com a psicanálise, é o equiva-

lente a dizer que temos uma disposição para nos relacionarmos que vem conosco como espécie e que vai ser ativada em maior ou menor escala pelas primeiras relações com os cuidadores iniciais e acrescida pelas demais identificações ao longo da vida.

Na relação psicoterápica, as circunstâncias a serem consideradas são tanto a história de vida do paciente quanto a pessoa real do terapeuta, com o seu infantil agindo o tempo todo, ativando ou não, facilitando ou não a construção ou o mobiliário da casa interna do paciente. Como cada um de nós vai fazer isso, vai depender dos vértices teóricos que mais se adequam ao nosso estilo pessoal. Alguns vão trabalhar no espaço potencial de Winnicott ou com os personagens da sessão de Ferro, outros com o estado de sessão e a figurabilidade ocorrida na mente do analista do casal Botella (2003). Alguns vão prestar atenção aos sentimentos evocados pela contratransferência ou pelos baluartes surgidos no campo analítico dos Baranger (1961), enquanto outros vão se identificar com a atribuição de estrutura ao *setting* de Green (2005), com o "terceiro analítico" de Ogden (1996) ou ainda com o papel que o objeto transformacional de Bollas (1987) vai desempenhar na sessão.

Concordo com Iankilevich (2011) quando diz que o contato com a dor psíquica não é fácil a nenhum analista, e que, em especial com crianças, são necessários recursos variados para acolher a comunicação inconsciente que se apresenta, por vezes, com muita força, ameaçando romper com a capacidade de contenção da mente do analista. No trabalho com crianças, é preciso se envolver na brincadeira do mesmo modo que o fazemos na atenção livremente flutuante, como diz Hartke (2006), sob pena apenas de compreender os fatos e perder a possibilidade de utilização da sessão como espaço potencial. Já não se fala em interpretações espetaculares, as quais vão iluminar certamente algo obscuro, mas sim de um trabalho continuado e investido pela dupla (Mello, 2014). Penso que perceber a relevância de se trabalhar com um psiquismo em desenvolvimento e ter noção da responsabilidade que os pais nos entregam quando trazem uma criança para tratamento na infância é algo do qual não devemos abrir mão, pois brincar é, definitivamente, coisa muito séria.

Ferro e Molinari (2011), em recente estudo, perguntam-se o quanto ainda é preciso interpretar em análise de crianças pequenas. Argumentam que o que se passa entre os membros da dupla, nos termos de Bion, faria com que a criança conservasse uma especificidade comunicativa corporal, a qual se traduziria em nível psíquico em uma maior presença de canais sensoriais e em uma permeabilidade maior aos elementos psíquicos provenientes do outro quando comunicados por elementos da sensorialidade. Como se observa, o componente motor está longe de ser secundário. Os autores afirmam que é possível imaginar que o brincar seja a forma mais comunicativa, tanto na relação social quanto na relação analítica, até

o limiar da adolescência, quando o desenvolvimento mental ingressa em um funcionamento mais abstrato. Privando-se deste componente motor, priva-se o sujeito do impacto estético que a própria emoção permite pela passagem da emoção de uma mente à outra. Porque o que nos interessa são as conexões.

O tratamento de Rita foi, durante muito tempo, construir uma casa. Enquanto falávamos sobre cada pequeno detalhe, a casa ia sendo construída de acordo com as necessidades e os gostos de cada personagem que ali viveria. Aprendi que a forma como ela trabalhava era o principal e tecia o conteúdo, não sendo independente dele. Eu ficava conhecendo a personagem à medida que a sua parte da casa ia sendo criada e mobiliada, e tudo era muito interessante, pois iam como que emergindo pessoas a partir da mobília. A casa ia sendo construída a partir da sua mobília por nós duas, com palpites e ideias de ambas. Aprendi que Rita precisaria do Espaço da análise para validar um Tempo que ainda não existia nos seus relacionamentos. Sem tempo e nem espaço seus, não havia casa.

Rita e eu estávamos já há muitas sessões construindo uma sala para a casa.

P= tu podia ir desenhando a TV. Era umas notícias que a gente ia fazer. Pode fazer uma mulher falando no microfone?

C= (eu me assusto) mulher falando no microfone?

P= não sabe?

C= ...posso tentar, tu vais me ajudando?

P= aha.

C= então tá. (desenho)

P= agora pode fazer os cabelos?

C= posso. Loira ou morena?

P= morena. Isso. Agora faz um corpo assim reto e depois os braços.

C= queres fazer?

P= aha. (faz o corpo). Posso pintar?

C= claro.

P= de que cor?

C= laranja, amarelo?

P= pode ser azul?

C= claro, pode.

P= agora faz uns braços tu. Assim: saindo daqui e indo pra ali. Isso. Agora eu faço o microfone. De que cor é um microfone?

C= não sei... preto?

P= pode ser vermelho?

C= pode, vermelho é legal.

P= vamos desenhar umas TVs lá atrás. Desenha a notícia.

C= desenho. Aqui?

P= é. O que tava passando?

C= não sei... o que podia ser que ela tava dando notícia?

P= isso, eram as notícias. Num deles tinha um bebê. Vou fazer ele enrolado na cobertinha... Os pais deles tinham perdido ele... Estavam procurando na TV.

C= ...e iam achar?

P= não sei... Pode ser... Aqui vai uns escritos, como tem nas notícias às vezes. Que nem eu vejo na TV. E tinha uma casa. Vou desenhar a casa. Poderia ser roxa?

C= poderia. Por que tinha a casa na notícia?

P= a casa tinha passado... tinha tido um redemoinho e destruiu a casa.

C= ah, destruiu...

P= é, destruiu. O vento destruiu a casa... Não deu para arrumar... Era só isso a notícia.

Nesta vinheta, eu me assusto quando ela me pede para desenhar uma mulher no microfone, talvez por perceber o papel que me era designado na narrativa. Ela percebe meu susto e diz que me ajudaria. A brincadeira ia criando o cenário em três dimensões, e decidíamos juntas em que ritmo daríamos forma ao que iria ser anunciado. Neste dia, uma casa havia sido destruída por um vento rápido como um redemoinho. Não deu para consertar, teríamos que fazer o luto por ela. Mas a casa deixara um bebê vivo, perdido dos pais, sozinho, mas enrolado numa cobertinha. Eu pergunto se os pais o iriam encontrar, ela respondeu reticente. Mas a notícia estava dada, e eu sentia que havia esperança.

Bem, o papel do afeto na integração do conceito psicanalítico de consciente/inconsciente às neurociências, o infantil no analista, o ritmo de cada um na dupla, o polo motor da interpretação lúdica e o estilo pessoal do analista foram os pontos, dentre muitos outros, que eu quis destacar hoje como sendo os que eu considero que vieram melhorar a Casa da nossa técnica psicanalítica infantil.

O CEAPIA foi minha primeira casa de formação, e por ela tenho também afeto e gratidão especiais. Acompanhei várias de suas reformas, seus contornos sendo modificados. A compra da casa e a passagem a ser de utilidade pública, o pátio traseiro e as salas da Ambientoterapia, a sinalização interna e os nomes à biblioteca Lebovici e ao anfiteatro Outeiral. A mudança da secretaria para o fim do corredor e a recepção na frente da casa. A ampliação do número de salas de atendimento, a cozinha que já foi no primeiro andar e agora é no térreo, a sala de espelho que era no térreo, agora é na parte onde fica a Ambiente... Tudo sempre seguiu mudando para acompanhar as inovações da ciência psicológica e psicanalítica, a fim de atender melhor os pacientes e os colegas do Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência na contemporaneidade.

Eu também fui me modificando, fui passando de aluna a professora e supervisora, participando da administração de várias maneiras, tendo sido coordenadora do Setor de Pesquisa, editora da Revista, diretora de ensino e

presidente. É com alegria que percebo que sigo transitando pelos cômodos dessa casa viva, que seguirá formando profissionais que aqui encontram conhecimento e reconhecimento pelo seu estilo particular de atender. A esta altura do caminho, olho para a atual direção e para o conselho consultivo, para as mesas desta jornada e para a plateia e vejo que estamos há mais de 40 anos formando gerações de psicoterapeutas de crianças e adolescentes e que, como numa família, de diversas maneiras, conhecimento e afeto vêm artesanalmente passando de pai para filho ou, no meu caso e da Lisiane, de mãe para filha.

Vida longa à casa ceapiana e muito obrigada pela atenção.

Referências

- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: dos pictogramas ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Baranger, M., & Baranger, W. (1961). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4(1), 3-54.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1997). *Lo vincular: clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W. R. (1967). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bollas, C. (1987). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Botella, C., & Botella, S. (2003). Figurabilidade e regrediência. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 10(2), 249-341.
- Civitarese, G. (2019). *Perder a cabeça: abjeção, conflito estético e crítica psicanalítica*. Porto Alegre: Dublinense.
- Ferro, A. (2005). Associações livres e pensamento onírico de vigília. *Revista Psicanálise*, 5(1), 65-79.
- Ferro, A., & Molinari, E. (2011). O quanto ainda é necessário interpretar o brincar na análise infantil? Considerações na esteira das ideias de Bion. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 17(2), 295-314.
- Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: misrecognition and recognition of the unconscious*. Londres: Routledge.
- Guerra, V. (2013). Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 20(3), 583- 604.
- Guignard, F. (1997). *O infantil ao vivo: reflexões sobre a situação analítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hartke, R. (2006). A experiência do brincar e o espaço analítico na psicanálise de adultos. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 13(2), 287-306.
- Iankilevich, E. (2011). É possível a análise de crianças? *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 18(2), 397-416.

- Imbasciatti, A. (2014). O objeto da psicanálise mudou? *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 21(1), 11-28.
- Lacan, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *LACAN, Jacques. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Levy, R. (2012). From symbolizing to non-symbolizing within the scope of a link: from dreams to shouts of terror caused by an absent presence. *International Journal of Psychoanalysis*, 93(4), 837-862.
- Malberino de Prego, V. (1977). La casa: escena dé la fantasía. *Revista Uruguia de Psicoanálisis*, 56, 105-18.
- Mello, C. O. (2014). Brincar, verbo intransitivo: a interpretação em análise de crianças. *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 21(3), 539-554.
- Ogden, T. (1996). *Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.